

A representação dentro da representação: a ***Dulcinéia encantada*** e o episódio dos duques

- Mimesis no livro X da ***República***, de Platão.
- Mimesis na ***Arte poética***, de Aristóteles: uma imitação (ou reflexo) da realidade; a representação do universo perceptível. Para ele, os seres humanos são miméticos, têm a necessidade de criar uma arte que reflita e represente a realidade.

- ***Cartas de um estoico***, de Sêneca (~63)

LXXXIV. Sobre recolher ideais

3. Devemos seguir, dizem os homens, o exemplo das abelhas, que esvoaçam e selecionam as flores que são adequadas para a produção de mel, e depois organizar e classificar em seus favos tudo o que trouxeram.

8. Mesmo que se torne visível em você uma semelhança com um autor que, por sua admiração, deixou-lhe uma profunda impressão, gostaria que se assemelhasse a ele como uma criança se

assemelha a seu pai, e não como um retrato se assemelha a seu original. (...) Acho que às vezes é impossível ver quem está sendo imitado, se a cópia é verdadeira; pois uma inteligência verdadeira carimba sua própria forma sobre todas as características que tirou do que podemos chamar de original, de tal forma são combinadas em uma unidade.

- ***Philosophía Antigua Poética***, de Alonso López Pinciano (1596)

- ***Arte nuevo de hacer comedias en este tiempo***, de Lope de Vega (1609)

no hay que advertir que pase en el período
de un sol, aunque es consejo de Aristóteles,
porque ya le perdimos el respeto
cuando mezclamos la sentencia trágica
a la humildad de la bajeza cómica

- ***Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental***, de Erich Auerbach (1946)

Escrito na Turquia

O tema deste escrito, a interpretação da realidade através da representação literária ou “imitação”, ocupa-me há longo tempo. Parti originalmente da relação entre a questão platônica formulada no livro X da República e a pretensão de Dante de apresentar na Comédia a realidade verdadeira.

(...)

A primeira dessas ideias refere-se à doutrina antiga, mais tarde retomada por toda corrente classicista, acerca dos níveis da representação literária. Tornou-se-me claro que o realismo moderno, tal como se formou no começo do século XIX na França, realiza, como fenômeno estético, uma total ruptura com aquela doutrina. (...) Quando Stendhal e Balzac tomaram personagens quaisquer da vida cotidiana em seu condicionamento às circunstâncias históricas da época e as transformaram em objetos de uma representação séria, problemática e até trágica, quebraram a regra clássica da diferenciação dos níveis, segundo a qual a realidade cotidiana e prática só poderia ter seu lugar na literatura no marco de um gênero estilístico baixo ou mediano, isto é, só de forma grotescamente cômica ou como entretenimento agradável, leve, colorido e elegante.



Cap. 14 - A Dulcinea Encantada - capítulo acrescentado em 1949, três anos após a primeira edição [del 2º libro, cap. 10]

— Yo no veo, Sancho – dijo don Quijote –, sino a tres labradoras sobre tres borricos.

— ¡Ahora me libre Dios del diablo! –respondió Sancho–. ¿Y es posible que tres hacaneas, o como se llaman, blancas como el ampo de la nieve, le parezcan a vuesa merced borricos? ¡Vive el Señor que me pele estas barbas si tal fuese verdad!

— Pues yo te digo, Sancho amigo – dijo don Quijote–, que es tan verdad que son borricos, o borricas, como yo soy don Quijote y tú Sancho Panza; a lo menos, a mí tales me parecen.

— Calle, señor – dijo Sancho –, no diga la tal palabra, sino despabile esos ojos y venga a hacer reverencia a la señora de sus pensamientos, que ya llega cerca.

Y, diciendo esto, se adelantó a recibir a las tres aldeanas y, apeándose del rucio, tuvo del cabestro al jumento de una de las tres labradoras y, hincando ambas rodillas en el suelo, dijo:

— Reina y princesa y duquesa de la hermosura, vuestra altivez y grandeza sea servida de recibir en su gracia y buen talente al cautivo caballero vuestro, que allí está hecho piedra mármol, todo turbado y sin pulsos, de verse ante vuestra magnífica presencia. Yo soy Sancho Panza, su escudero, y él es el asendereado caballero don Quijote de la Mancha, llamado por otro nombre el Caballero de la Triste Figura.

A esta sazón ya se había puesto don Quijote de hinojos junto a Sancho y miraba con ojos desencajados y vista turbada a la que Sancho llamaba reina y señora; y como no descubría en ella

sino una moza aldeana, y no de muy buen rostro, porque era carirredonda y chata, estaba suspenso y admirado, sin osar desplegar los labios.

(...)

— Mas ¡jjo, que te estrego, burra de mi suegro! ¡Mirad con qué se vienen los señoritos ahora a hacer burla de las aldeanas, como si aquí no supiésemos echar pullas como ellos! Vayan su camino e déjenmos hacer el nueso, y serles ha sano.

— Levántate, Sancho – dijo a este punto don Quijote –, que ya veo que la fortuna, de mi mal no harta, tiene tomados los caminos todos por donde pueda venir algún contento a esta ánima mezquina que tengo en las carnes. Y tú, ¡oh extremo del valor que puede desearse, término de la humana gentileza, único remedio de este afligido corazón que te adora!, ya que el maligno encantador me persigue y ha puesto nubes y cataratas en mis ojos, y para sólo ellos y no para otros ha mudado y transformado tu sin igual hermosura y rostro en el de una labradora pobre, si ya también el mío no le ha cambiado en el de algún vestiglo, para hacerle aborrecible a tus ojos, no dejes de mirarme blanda y amorosamente, echando de ver en esta sumisión y arrodillamiento que a tu contrahecha hermosura hago la humildad con que mi alma te adora.



Entre os muitos episódios que representam o embate entre a ilusão de Dom Quixote e uma realidade cotidiana e oposta à ilusão, este ocupa uma posição especial. Em primeiro lugar porque se trata da própria Dulcineia, a ideal e incomparável senhora do seu coração; é o auge da sua ilusão e da sua desilusão e, mesmo que também nesse caso encontre uma saída para salvar a ilusão, essa saída (Dulcineia está encantada) é tão dificilmente suportável que doravante todos os seus pensamentos são dirigidos para a meta de sua salvação e da quebra do encantamento; a noção ou o pressentimento de que isso nunca será conseguido é, nos últimos capítulos do livro, a preparação imediata de sua doença, da libertação de sua ilusão e de sua morte. Depois, essa cena distingue-se pelo fato de que nela, pela primeira vez, os papéis estão trocados: até ali era Dom Quixote que, espontaneamente, compreendia e transfigurava, nos termos dos romances de cavalaria, os fenômenos da vida cotidiana com que se deparava, enquanto Sancho em geral duvidava ou retorquia ou tentava evitar as absurdas ações do seu amo; agora é o contrário, Sancho improvisa uma cena de romance, enquanto a capacidade de Dom Quixote de transformar os acontecimentos segundo a sua ilusão falha diante da crua vulgaridade do aspecto das lavradoras. Tudo isso parece ser altamente significativo; tal como nós o apresentamos aqui (propositadamente), parece triste, amargo e quase trágico.

(...)

Procuramos em nosso estudo representações da vida cotidiana, nas quais ela seja mostrada seriamente, com os seus problemas humanos e sociais, ou até nos seus enredos trágicos. Sem dúvida, a nossa cena é realista; todas as personagens são apresentadas verdadeiramente em suas realidades, em sua existência viva e cotidiana; não só as lavradoras, mas também Sancho e até Dom Quixote, aparecem como personagens da esfera vital espanhola contemporânea.

(...)

Muito mais difícil é determinar o nível da cena, e do romance em geral, na escala que vai do trágico ao cômico. Assim como ela aparece, a narração com as três lavradoras não é senão cômica. A ideia de fazer Dom Quixote encontrar uma Dulcineia concreta já deve ter ocorrido a Cervantes ao escrever a primeira parte do romance; construí-la a partir de uma manobra enganadora de Sancho, de tal forma que os papéis apareçam trocados, é uma ideia genial, e está realizada de forma tão perfeita, que a brincadeira, apesar de todo o emaranhado absurdo dos pressupostos e relações, se apresenta ao leitor como algo natural e, até, necessário. Mas, sem dúvida, é uma brincadeira.

(...)

Mas o sentimento de Dom Quixote é verdadeiro e profundo. Dulcineia é de fato a senhora dos seus pensamentos, e ele está realmente imbuído de uma missão que considera o mais alto dever do homem; é realmente fiel, valente, e disposto a qualquer sacrifício. Um sentimento e uma resolução tão incondicionais merecem admiração, mesmo quando baseados numa ilusão doida, e essa admiração Dom Quixote a encontrou em quase todos os leitores. Deve haver poucos amantes da arte literária que não liguem a Dom Quixote a concepção da grandeza idealista; embora absurda, aventureira e grotesca, não deixa de ser idealista, incondicional e heróica. Sobretudo depois do romantismo, essa ideia tornou-se quase generalizada, mantendo-se mesmo contra a crítica filológica, na medida em que esta pretende demonstrar que Cervantes não tinha a intenção de despertar uma tal impressão.

A dificuldade reside no fato de que na ideia fixa de Dom Quixote, o nobre, o puro e o redentor estão ligados com o absolutamente insensato. Uma luta trágica pelo ideal e pelo desejável em primeiro lugar só pode ser representada de tal modo que intervenha de forma sensata no estado real das coisas, estremecendo-o e importunando-o, de tal maneira que, contra o sensatamente ideal, surja uma oposição igualmente sensata, proveniente quer da inércia, da maldade mesquinha e da inveja, quer de uma visão mais conservadora. A vontade idealista deve estar de acordo com a realidade existente pelo menos até o ponto de poder atingi-la, de tal forma que uma penetre na outra e surja um verdadeiro conflito. O idealismo de Dom Quixote não é dessa espécie. Não se baseia numa visão das circunstâncias factuais da vida; embora Dom Quixote tenha tal visão, ela o abandona tão logo o idealismo da ideia fixa dele se apodera. Tudo o que faz depois é totalmente carente de sentido e tão inconciliável com o mundo existente que a única coisa que resulta disso é uma cômica confusão. Não só não tem possibilidade alguma de êxito, como não encontra nenhum ponto de apoio na realidade; atinge o vazio.

(...)

O encontro com Dulcineia não é um exemplo válido para a relação de Dom Quixote com a realidade concreta, na medida em que não se trata da defesa da sua vontade ideal em luta contra a realidade, mas da visão e adoração do ideal encarnado. Não obstante, também esse encontro é simbólico para a mencionada relação entre o cavaleiro doido e os fenômenos desse mundo. Deve-se lembrar quais eram as concepções tradicionais contidas no tema de Dulcineia, e como essas ainda ressoam nas palavras grotescamente sublimes de Sancho e de Dom Quixote. E toda essa munição é desperdiçada para três feias e vulgares lavradoras. É um tiro no vazio. Dom Quixote não pode ser nem graciosamente aceito nem rejeitado; não há nada exceto uma divertida confusão

sem sentido. Para achar nessa cena algo sério ou um sentido mais profundo, oculto, ela teria de ser violentada pela interpretação.

As três mulheres estão estupefatas e vão embora o mais rápido que podem (...). Muito frequentemente acontece, também, que [as personagens] fazem o jogo de sua ideia fixa, e se divertem às suas custas. (...) no palácio do duque, a doidice de Dom Quixote é utilizada metodicamente como passatempo, de tal forma que quase não há mais aventuras legítimas, mas somente fingidas, isto é, preparadas para a diversão dos seus organizadores, especialmente à medida da doidice do cavaleiro.



Cap. XXXV

Al compás de la agradable música vieron que hacia ellos venía un carro de los que llaman triunfales. (...) Era el carro dos veces y aun tres mayor que los pasados, y los lados y encima de él ocupaban doce otros disciplinantes albos como la nieve; y en un levantado trono venía sentada una ninfa, vestida de mil velos de tela de plata, brillando por todos ellos infinitas hojas de argentería de oro, que la hacían, si no rica, a lo menos vistosamente vestida. Traía el rostro cubierto con un transparente y delicado cendal (...).

Alzada y puesta en pie (...), con voz algo dormida y con lengua no muy despierta, comenzó a decir de esta manera:

— Yo soy Merlín, aquel que las historias dicen que tuve por mi padre al diablo – mentira autorizada de los tiempos –, príncipe de la mágica y monarca y archivo de la ciencia zoroástrica, émulo a las edades y a los siglos que solapar pretenden las hazañas de los andantes bravos caballeros, a quien yo tuve y tengo gran cariño.
(...)

A ti digo, ¡oh varón como se debe por jamás alabado!, a ti, valiente juntamente y discreto don Quijote, de la Mancha esplendor, de España estrella, que para recobrar su estado primo

la sin par Dulcinea del Toboso
es menester que Sancho tu escudero
se dé tres mil azotes y trescientos
en ambas sus valientes posaderas,
al aire descubiertas, y de modo,
que le escuezan, le amarguen y le enfaden.
Y en esto se resuelven todos cuantos
de su desgracia han sido los autores,
y a esto es mi venida, mis señores.



Em toda essa multidão de reações [das personagens], tanto na primeira quanto na segunda parte, falta inteiramente uma coisa: complicações trágicas e consequências sérias. Mesmo o elemento satírico e o elemento de crítica do seu tempo são muito fracos: deixando de lado a crítica puramente literária, faltam quase por completo (...). Apresenta-se a vida espanhola em colorida plenitude; durante os múltiplos choques de Dom Quixote com a realidade nunca surge uma situação que ponha em questão essa realidade de ser o que é: ela sempre tem razão contra ele e, depois de um pouco de alegre confusão, continua a fluir, indiferente e intacta.

(...)

Encontra-se, pois, muito pouco de problemático ou de trágico no livro de Cervantes – embora ela seja uma das obras-primas de uma época que viu se formarem a problemática e a tragédia europeias. A doidice de Dom Quixote nada revela disso; o livro todo é um jogo, no qual a loucura se torna ridícula quando exposta a uma realidade bem fundamentada.

(...)

Com toda a sua loucura, Dom Quixote preserva uma dignidade e superioridade naturais, às quais os muitos lastimáveis fracassos nada podem fazer. Não é baixo, como os tipos cômicos geralmente são; também ele próprio se desenvolve, fica mais bondoso e sábio, enquanto sua doidice persiste. Trata-se, então, no sentido da ironia romântica, de uma loucura sábia? Desvenda-se-lhe a sabedoria através da sua loucura? Fornece-lhe a loucura uma compreensão que, em seu são juízo, nunca poderia ter atingido, e fala nele a sabedoria através da loucura, como no caso do bobo de Shakespeare, ou no de Charlie Chaplin? Não, a coisa também não é assim. Tão logo a loucura, quer dizer, a ideia fixa da cavalaria andante, toma posse dele, age sem sabedoria e como um autômato,

como os tipos cômicos. Possui sabedoria e bondade, independentemente da loucura. Uma loucura como a sua só pode surgir num homem puro e nobre, e também é verdade que a sabedoria, a bondade e a decência transluzem através da sua loucura e fazem-na parecer amável.

Ainda assim, a sabedoria e a loucura estão claramente separadas no seu caso – ao contrário do que ocorre na obra de Shakespeare e com os loucos românticos ou com Carlitos. O padre já o diz na primeira parte: só quando a sua ideia fixa entra em jogo é doido; afora isso, é um homem normal e muito inteligente.

(...)

Tinha perto de cinquenta anos de idade quando, sob a influência da leitura excessiva de romances de cavalaria, formulou o seu absurdo plano. Isso é estranho. Uma exaltação alimentada por leituras solitárias seria mais facilmente concebível no caso de uma pessoa muito jovem (Julien Sorel, Madame Bovary), e existe a tentação de perguntar por uma explicação psicológica especial: como é possível que um cinquentão, que leva uma vida regrada e que possui um entendimento bom, e em muitos sentidos cultivado e equilibrado, possa empreender algo tão disparatado? Cervantes dá, nas primeiras frases do romance, algumas informações sobre a condição social do seu herói; delas pode-se deduzir, na melhor das hipóteses, que ela o oprimia, que não lhe oferecia possibilidade alguma para uma atividade efetiva que correspondesse às suas capacidades (...). Poder-se-ia, portanto, presumir que a decisão doida seria uma fuga de uma situação que se tornara insuportável, uma libertação violenta.

Uma tal explicação sociológica e psicológica também já foi defendida na literatura (...). Como interpretação da intenção artística de Cervantes, contudo, é insatisfatória, pois não é verossímil

que tenha querido dar algo como uma motivação psicológica para a ideia fixa de Dom Quixote, mediante aquelas poucas frases sobre a posição social e os costumes do seu herói; se assim fosse, deveria tê-la expresso mais claramente e desenvolvido mais minuciosamente (...). Não dá à pergunta acerca das causas da loucura de Dom Quixote outra resposta do que essa: leu demasiados livros de cavalaria, e estes lhe viraram o juízo (...). Temos que nos satisfazer com o fato de que esse prudente e culto fidalgo rural enlouquece de repente, mas não em consequência de um choque terrível, como Ajax ou Hamlet, mas porque leu demasiados romances de cavalaria (...).

A sabedoria de Dom Quixote não é a sabedoria de um doido; é o entendimento, a nobreza, a decência e a dignidade de um homem prudente e equilibrado: nem demoníaco, nem paradoxal; um homem que não está cheio de dúvidas, de dilemas e que não se sente apátrida nesse mundo, mas que é regular, ponderado, receptivo, amável e modesto até na ironia.

(...)

O jogo não é, em momento algum, trágico – como esperamos ter demonstrado –, e nunca os problemas humanos, quer os pessoais do indivíduo, quer os da sociedade, são postos diante dos nossos olhos de modo tal que tremamos ou sintamos compaixão; sempre ficamos no campo do divertimento. Mas trata-se de um divertimento que está disposto em camadas tão numerosas como nunca antes acontecera.

(...)

O mais variado suspense e a mais sábia alegria do livro mostram-se na relação em que Dom Quixote se encontra constantemente: a sua relação com Sancho Pança.

(...) A experiência da personalidade de Dom Quixote não é captada por ninguém de forma tão total, não é trabalhada imediatamente como um todo tão puro quanto por Sancho – todos os outros se surpreendem, se irritam ou se divertem ou querem curá-lo: Sancho penetra na sua vida, e a doidice e a sabedoria de Dom Quixote tornam-se produtivas para ele; embora não possua, nem de longe, suficiente senso crítico para poder formular e exprimir uma sentença sintética a seu respeito, é através dele, em toda a sua atitude, que entendemos melhor Dom Quixote (...). Duas figuras que aparecem simultaneamente, em mútuo contraste, cômicas ou semicômicas, esse é um tema muito antigo que ainda hoje tem sua eficácia em toda parte: na piada, na caricatura, no circo ou no filme: o magro alto e o gordo baixinho, o astuto e o tolo, o senhor e o criado, o homem distinto e culto e o camponês ingênuo, e outras combinações ou variantes que possa haver em diferentes países e culturas. O que Cervantes fez disso é maravilhoso e único.

(...)

Durante séculos e, especialmente, depois do romantismo, foi lida muita coisa na sua obra que ele nem pressentia ou tencionava. Tais reinterpretações e hiper-interpretações de um velho texto são, amiúde, frutíferas: um livro como o Dom Quixote solta-se da intenção do seu autor e vive uma vida independente; apresenta-se a cada época que nele acha prazer um novo rosto. Mas para o historiador que procura determinar o lugar de uma obra dentro de um processo histórico, é necessário, na medida do possível, esclarecer o que significou a obra para o seu autor e para os seus contemporâneos.

(...)

Cervantes nunca teria pensado que o estilo de um romance, e mesmo do melhor de todos, pudesse desvendar a ordem universal (...). Não é mais o jogo de Todo Mundo, onde o bom e o mau podiam ser julgados segundo normas fixas; Cervantes só julga as coisas que se referem ao seu trabalho, à literatura. No que se refere ao mundo terreno em geral, somos todos pecadores; Deus providenciará para que o malvado seja castigado e o bom, premiado. Aqui na Terra, a ordem do que não pode ser abrangido com os olhos está no jogo: por mais difíceis de abranger e de julgar que sejam os fenômenos diante do doido cavaleiro da Mancha, eles se convertem numa dança de roda, de alegre e divertida confusão.

Essa é, segundo me parece, a função da loucura de Dom Quixote. Quando o tema – a saída do fidalgo doido que quer tornar realidade o ideal do *caballero andante* – começou a inflamar a força imaginativa de Cervantes, ele também teve uma visão de como a realidade contemporânea, confrontada com tal loucura, deveria ser representada: e ele gostou desse quadro, tanto pela sua multiplicidade quanto pela hilaridade neutra que a loucura espalha sobre tudo o que encontra. Mas considerar essa loucura simbólica ou tragicamente, isso eu acho um ato de violência. É possível introduzi-lo através da interpretação, mas não está no texto. Uma alegria tão universal e diversificada e, ao mesmo tempo, tão livre de crítica e de problemas na representação da realidade cotidiana constitui uma empresa que nunca voltou a ser tentada na Europa; não posso imaginar onde e quando isso poderia ter acontecido.